

Cinema na Ilha: itinerâncias do audiovisual como ferramenta de valorização cultural quilombola em Sergipe¹

Erna Raisa Lima Rodrigues de Barros

Professora Adjunta da Universidade Federal de Sergipe (DCOS/PPGCOM/UFS).

Kysia Evellyn Menezes Nascimento

Discente graduação Publicidade e Propaganda. Universidade Federal de Sergipe (DCOS//UFS).

Vera Letícia Souza Bomfim dos Santos

Discente graduação Publicidade e Propaganda. Universidade Federal de Sergipe (DCOS//UFS).

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência de realização do projeto *Cinema na Ilha*, uma iniciativa de extensão universitária que visa articular o audiovisual como ferramenta de fortalecimento comunitário e valorização da cultura de comunidades quilombolas. A proposta foi desenvolvida na comunidade da Ilha Grande, no município de São Cristóvão (SE) e integrou a prática do cinema itinerante como metodologia de intervenção e mediação cultural, promovendo reflexões sobre pertencimento e ancestralidade, e tendo como resultado a ampliação do acesso à produção audiovisual para populações periféricas e insulares em territórios historicamente marginalizados.

PALAVRAS-CHAVE

Pertencimento; quilombolas; cinema; identidade cultural; ancestralidade.

¹ Trabalho apresentado na Jornada de Extensão, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 24 a 26 de junho de 2025.

Introdução

O projeto "Cinema na Ilha" teve como proposta o fortalecimento e o estreitamento dos laços comunitários da comunidade quilombola de São Cristóvão, localizada na Ilha Grande, em Sergipe, por meio da experiência cinematográfica em suas múltiplas potencialidades. Entende-se que o cinema, além de sua dimensão artística e comunicacional, pode assumir funções educativas e políticas, especialmente quando orientado por pressupostos da educação popular (FREIRE, 1987; KELLNER, 2001). A itinerância do audiovisual permite a circulação de ideias, a construção de identidades e o reconhecimento de memórias coletivas, funcionando como instrumento de fortalecimento de territórios e de escuta das vozes historicamente marginalizadas (RANCIÈRE, 2012; SANTAELLA, 1992).

Os territórios quilombolas configuram-se como espaços de resistência, nos quais se preservam e se manifestam diversas expressões culturais oriundas das populações descendentes de pessoas escravizadas. Essas manifestações — presentes na música, dança, culinária, religiosidade, oralidade, linguagem e outras práticas — constituem importantes elos de identidade coletiva, desempenhando um papel fundamental na manutenção das tradições e do patrimônio cultural local.

Nesse contexto, o projeto *Cinema na Ilha* se propôs a revitalizar e fortalecer esse patrimônio no imaginário da comunidade, utilizando o cinema como instrumento de identificação, percepção e valorização dos saberes culturais dos remanescentes de quilombos da Ilha Grande (SE). A iniciativa buscou ampliar o debate sobre essas questões junto à comunidade local e à sociedade em geral, promovendo a troca de saberes por meio do cinema como ferramenta lúdica, crítica e reflexiva. Dessa forma, buscou-se fomentar novas percepções sobre temas relacionados à valorização da cultura local, ainda frequentemente invisibilizada pela sociedade e pelo poder público.

No contexto da comunidade local, observou-se o contato com histórias e memórias da comunidade quilombola mediado pelo cinema, contato este que promoveu o estímulo à discussão de temáticas pertinentes às realidades locais, viabilizando uma troca de saberes que conferiu protagonismo à comunidade e às suas reivindicações. Tal

atividade, especialmente nas discussões realizadas após as exhibições dos filmes, evidenciou um processo de identificação e pertencimento por parte da comunidade enquanto grupo remanescente de quilombos. Essa dinâmica possibilitou o fortalecimento dos lugares de fala, a partilha de saberes, memórias e expressões culturais, além da tomada de consciência em relação às necessidades coletivas do grupo.

Para além das fronteiras da Ilha, a proposta buscou fomentar o debate em torno da valorização do grupo quilombola local, por meio de rodas de conversa com estudantes de escolas públicas do município e com discentes de graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Sergipe (UFS). A troca de saberes, nesse contexto, partiu das temáticas levantadas pelo grupo da comunidade, promovendo um intercâmbio enriquecedor de experiências e perspectivas. Nesse sentido, é pertinente destacar a contribuição de Stuart Hall (2001), ao afirmar que “as identidades culturais são pontos de encontro entre o passado e o futuro; são construções sociais e históricas, não essências fixas”, ressaltando o papel das práticas comunicacionais na negociação e afirmação de identidades coletivas.

Metodologia

O projeto adotou uma abordagem metodológica baseada na articulação entre a pesquisa participante, a extensão universitária e a prática do cinema itinerante. O cinema, concebido como uma ferramenta relevante de transformação social, assumiu, no âmbito do projeto, o papel de catalisador de ideias e de organização coletiva. Ele serviu como meio para evidenciar questões que também se manifestam na comunidade da Ilha Grande, tais como desafios ambientais, a valorização da cultura local e a afirmação identitária.

Assim, o projeto fomentou discussões reflexivas e produtivas, tanto no interior da Ilha quanto em espaços externos, contribuindo para o entendimento e fortalecimento de ações afirmativas voltadas ao bem-estar e à reivindicação de direitos da comunidade quilombola. Propôs-se, portanto, que essas discussões ocorressem de maneira orgânica, por meio das rodas de diálogo promovidas após cada sessão de cinema e dos encontros com a sociedade mais ampla, realizados a partir da troca de experiências com estudantes das escolas públicas e da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

A primeira etapa do projeto consistiu na visita técnica à Ilha Grande, com o objetivo de realizar a sondagem territorial, reconhecer as demandas locais e estabelecer parcerias com lideranças comunitárias. Essa visita envolveu membros da equipe técnica (professores, cineastas, estudantes de comunicação da UFS), e resultou na identificação de espaços para realização do evento e na produção de registros audiovisuais do local.

Durante a visita, a equipe de produção — composta por cineastas, estudantes de Comunicação Social, e coordenação do projeto — realizou o reconhecimento do espaço destinado à realização das atividades, bem como registros audiovisuais do local (fotografias e filmagens). Esses materiais foram produzidos com o intuito de documentar o território, subsidiar a organização logística do evento, fomentar a divulgação em canais de comunicação e compor o acervo de exibição das produções associadas ao projeto.

Na ocasião, foi apresentada à comunidade a proposta metodológica do *Cinema na Ilha*, centrada na prática do cinema itinerante como ferramenta de mediação cultural, reflexão crítica e valorização identitária. Explicitaram-se os objetivos do projeto, que visava promover o fortalecimento dos laços comunitários e o reconhecimento da herança cultural local por meio da experiência cinematográfica. Nesse sentido, foi enfatizado que a proposta do projeto consistia em contribuir para que esse patrimônio cultural se mantivesse vivo no imaginário coletivo da comunidade, por meio da utilização do cinema como instrumento de visibilidade, reconhecimento e valorização dos saberes ancestrais dos remanescentes de quilombos da Ilha Grande.

Posteriormente, iniciaram-se os preparativos para a organização da Mostra de Filmes *Cinema na Ilha*. A primeira etapa consistiu na curadoria de obras audiovisuais voltadas para a representação de comunidades quilombolas e movimentos culturais do estado de Sergipe, priorizando aquelas que estabelecessem diálogo com a proposta de valorização da ancestralidade negra. As obras selecionadas foram: *Vamos sambar de pareia - Samba de Pareia da Mussuca*, 2021 – 5’10’ (Marco Vieira); *Mocambo: Primeira Comunidade Quilombola Reconhecida de Sergipe*, 2024 – 2’ (Governo de Sergipe); *Geruzinho*, 2022 – 14’26’’ (Juliana Teixeira, Luli Morante e Rafael Amorim); *O Ano que a onça descansou*, 2022 – 11’ (Yérsia Assis e Geilson Gomes); *Ilha Grande - Mulheres*

do samba, 2021 – 5’48’’ (Sindijor-SE); Mussuca: As mulheres do quilombo, 2017– 8’ (Adriana Saldanha/Instituto Mpumalanga) e Raizes da Ilha, 2024 - 16’44’’ (Emilly Alves e Nahiara Baddini). A seleção dessas obras visou proporcionar, por meio do cinema, um espaço de debate junto à comunidade, ampliando a compreensão sobre as pautas quilombolas e os processos históricos e contemporâneos de resistência.

O evento ocorreu no dia 23 de novembro, às 19h, na Ilha Grande (SE), em um espaço comunitário situado nas proximidades da residência da liderança local, Dona Madalena. A mostra iniciou com a exibição das obras selecionadas e após a sessão, realizou-se uma roda de conversa com os(as) diretores(as) dos filmes, que compartilharam suas trajetórias de produção e reflexões sobre a importância da memória e da cultura quilombola a partir de um olhar sociológico sobre a população negra em Sergipe. As discussões geradas durante a atividade demonstraram a potência do cinema como ferramenta de escuta e pertencimento. A comunidade local participou ativamente das reflexões, tecendo relações entre os filmes e suas próprias experiências de vida. Neste sentido, a proposta revelou-se eficaz na promoção de uma pedagogia da imagem (BARTHES, 1984), capaz de articular memória, identidade e a afirmação territorial.

Considerações finais

O projeto *Cinema na Ilha* contribuiu significativamente para o fortalecimento dos vínculos comunitários e para a valorização dos saberes locais. A metodologia do cinema itinerante mostrou-se eficaz na ativação de processos de escuta e produção de sentido, envolvendo os moradores como protagonistas da experiência. Do ponto de vista acadêmico, a experiência colaborou para a formação crítica dos estudantes envolvidos e para o fortalecimento da articulação entre ensino, pesquisa e extensão. Além disso, contribuiu para ampliar os horizontes de discussão sobre a cultura quilombola e sobre o papel do audiovisual como mediador de processos educativos e políticos em contextos populares.

A realização do projeto *Cinema na Ilha* evidenciou ainda, o potencial transformador do audiovisual enquanto instrumento de escuta, empoderamento e articulação comunitária em territórios quilombolas. Por meio da itinerância, a proposta promoveu o encontro entre saberes tradicionais e o fazer cinematográfico, permitindo à

comunidade da Ilha Grande (São Cristóvão/SE) protagonizar uma experiência cultural significativa em torno de temas como memória, identidade, resistência e ancestralidade. Para a área da Comunicação Social, o projeto oferece contribuições relevantes ao propor uma prática de comunicação dialógica (FREIRE, 1987), descentralizada e situada, que rompe com lógicas hegemônicas de produção e circulação de conteúdos midiáticos. A utilização do cinema como ferramenta de extensão universitária e educação popular amplia os horizontes da prática comunicacional, reafirmando o compromisso da comunicação pública com as pautas sociais, étnico-raciais e com a promoção da cidadania cultural.

Paralelamente, o impacto social do projeto se manifestou de forma concreta na inserção da comunidade quilombola da Ilha Grande no mapa cultural de Sergipe, a partir do reconhecimento de sua produção simbólica e de suas memórias coletivas como patrimônio vivo. Ao promover a visibilidade do território por meio do cinema e das rodas de conversa, Cinema na Ilha potencializou formas de expressão e reivindicação por direitos culturais, educativos e territoriais. A escuta ativa e a participação direta dos moradores contribuíram para reforçar o sentimento de pertencimento e para consolidar o papel da comunicação como mediadora de processos democráticos de construção cidadã. Ao reposicionar a Ilha Grande como espaço de produção cultural em Sergipe, o projeto promoveu um deslocamento simbólico importante, evidenciando o potencial do audiovisual como ferramenta de justiça cognitiva e reconhecimento cultural.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomás Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001
- KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia*. Bauru: EDUSC, 2001.
- RANCIÈRE, Jacques. *O espectador emancipado*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.
- SANTAELLA, Lucia. *Cultura das mídias*. 4a. ed. São Paulo: Experimento, 1992